

# O educador adverte: mudou o estudante, é preciso mudar o ensino.

**Dermeval Saviani  
afirma que os professores  
de 1º e 2º graus devem  
preparar-se para um  
novo tipo de aluno. E a  
universidade tem papel  
fundamental nisso.**

A deficiência do ensino de 1º e 2º graus no País é em geral exemplificada a partir de ângulos como a repetência e a evasão. Todos reclamam uma "opção nacional pela educação", com a melhora de qualidade e quantidade e mais verbas. Mas há uma outra questão: "a falta de opção das universidades pela educação" — lembrada por Dermeval Saviani, membro da Câmara de Graduação do 1º Grau do Conselho Estadual de Educação, professor de pós-graduação da PUC e Unicamp.

"Quando se lança a bandeira de mais verbas para a educação todos aderem. Mas quando as verbas chegam, a educação deixa de ser prioritária principalmente nas universidades, que formam bacharéis e não professores", diz Saviani. E acrescenta que, "se a universidade não assume a educação de fato, não pode culpar o ensino de 1º e 2º graus".

Para Dermeval Saviani houve "uma queda de qualidade ambígua no ensino: de um lado há uma queda real, de qualidade e quantidade; de outro, uma mudança da clientela que exige uma mudança do ensino".

A universidade pública forma bacharéis, e estes em sua maioria voltam às escolas primárias e secundárias, particulares ou públicas, para educar novos alunos, comenta o professor. Aí a contradição vista por Saviani: "Como a universidade pode preocupar-se em formar bons bacharéis e pesquisadores, se deixa de formar os educadores responsáveis pelos estudantes que lá estarão amanhã? Como a universidade vai se queixar do nível de alunos que chegam, se são formados por ela?"

Saviani exemplificou: "Quando um professor ministrava uma aula de literatura renascentista, empolgava-se com o assunto e tinha uma resposta entre os alunos. Acontece que esses alunos já tinham pré-requisitos para isso, por pertencerem à elite cultural. Com a expansão do ensino, há alunos do curso superior cujos pais mal tiveram o primário. Eles não tinham em casa uma biblioteca e muito menos fizeram viagens ao Exterior, visitando museus etc. Estes, é claro, não vão vibrar com o professor, por não estarem familiarizados com o assunto".

A partir daí, Saviani raciocina assim: "É preciso mudar o conteúdo do ensino e, no caso acima, a grosso modo, eliminar a literatura renascentista do curso. Por outro lado, é possível que a literatura seja vista como importante e fundamental na formação humana. Consequentemente, alunos que não tiveram contato com produtos mais acabados da cultura humana necessitarão desses esclarecimentos! E isso implica num trabalho pedagógico que desperte interesse para compreender e dominar esse conhecimento".

Saviani acredita que a elevação da qualidade do ensino deveria passar por essas considerações. Mesmo porque, para ele, "a educação não pode invocar ausência de pré-requisitos, porque ela em si já é um pré-requisito".

Lembra o professor que antes a escola normal estava mais voltada para o ensino primário e secundário: "Mal ou bem, as escolas normais preparavam professores para a educação nas escolas primárias e secundárias. Quanto aos professores de formação universitária, "têm outras preocupações".

No entanto, Saviani faz questão de dizer apenas a formação adequada do professor não solucionará os problemas do 1º e do 2º graus. É preciso também, adverte, cuidar das condições de trabalho e dos salários incompatíveis com o exercício profissional digno.

## **2º grau: o mais problemático.**

Concordando com a opinião de outros especialistas, Saviani enfatiza que é no 2º grau que se encontram os maiores desafios, porque essa etapa do ensino, vítima das deficiências que também afetam o 1º grau e o curso universitário, conta com variantes específicas quanto à sua definição e finalidade:

"O 1º grau é 'universal, público e gratuito', visando à alfabetização. No 3º grau (universitário) admite-se a destinação profissional, não no sentido estreito (de preparação para o mercado de trabalho), mas quanto ao desenvolvimento de uma especialidade, marcando o indivíduo por essa característica".

Já o 2º grau, segundo o professor, "às vezes pode ser puxado para baixo, organizado em caráter semelhante ao 1º grau, ou puxado para cima, com caráter profissionalizante e terminal. Deixa aí de ser propedêutico (preparatório para a universidade) e é organizado em moldes semelhantes ao ensino superior".

Saviani expõe a sua solução para o ensino secundário: "O problema do 2º grau se resolveria pela via do ensino politécnico, que não pode ser entendido hoje como uma multiplicidade de técnicas, mas como o domínio dos elementos científicos que incorporam o processo produtivo". Para ele, o "2º grau seria assim universal — todos deveriam ter esse domínio que se integra no processo de trabalho".

Salienta que, para isso, seria necessário "articular o domínio teórico com o domínio prático, não diversificando ao infinito com criação de diversos cursos técnicos, mas com um certo grau de homogeneidade". E recorre aos "Fundamentos da Escola do Trabalho", de Pistrak, para citar um exemplo do ensino politécnico para o 2º grau:

"Tomando como base oficinas de madeira e metal, pode-se desenvolver no 2º grau a compreensão de como os conhecimentos da Física estão incorporados no processo com aqueles materiais. Essa filosofia (do começo do século) poderia ser desenvolvida usando hoje a informática. A partir desses elementos se produzem ferramentas, desde a mais simples — como o martelo — até o computador".

**E.L.M.**